

MEDICINA NA MESOPOTÂMIA

**Elaine Alves
Paulo Tubino**

A Mesopotâmia – considerada o berço das primeiras civilizações – é a região geográfica situada entre os rios Tigre e Eufrates e que, atualmente, corresponde à maior parte do Iraque. Vários povos habitaram e dominaram essa região: sumérios, elamitas, acadianos, amoritas (antigos babilônios), cassitas, assírios e caldeus (novos babilônios). A Mesopotâmia tornou-se o centro da civilização antiga, com um sistema político dominado por reis que eram considerados intermediários entre os deuses e o povo. Os mesopotâmicos inventaram: a irrigação; a roda; a metalurgia; a uniformização do peso e das medidas; um sistema sexagesimal do qual deriva a medida de 60 segundos em um minuto, 60 minutos em uma hora e 360 (60x6) graus em um círculo.

No sul da Mesopotâmia, às margens do rio Eufrates, próximo ao Golfo Pérsico, floresceu a civilização suméria (c. 5000-4000 a.C. a 2000 a.C.). Os sumérios construíram as primeiras cidades no nosso planeta: eram cidades-estado, cercadas de altas muralhas e desenvolvidas em torno de um templo. As mais conhecidas são as de Uruk, Eridu e Ur. Cada cidade-estado tinha um deus próprio e seu zigurate. O zigurate era um monumento religioso, considerado a morada dos deuses. Tinha a forma de pirâmide escalonada, com um santuário no topo. Também servia para armazenar produtos agrícolas e para a observação dos astros. Para conhecer a vontade dos deuses, que eram muito exigentes, os reis desenvolveram o estudo da astronomia e da astrologia. Os sumérios inventaram a escrita cuneiforme, assim chamada porque era gravada em tabuletas de argila com um estilete em forma de cunha. A escrita cuneiforme foi usada por volta de 3500 a.C. Juntamente com os hieróglifos egípcios, é o mais antigo tipo conhecido de escrita.

As civilizações da Mesopotâmia exerceram forte influência sobre os seus vizinhos, não só no seu próprio tempo, mas também nos séculos que se seguiram. Hebreus, gregos, cristãos e culturas islâmicas devem muito à antiga Mesopotâmia. Algumas das mais famosas histórias bíblicas têm precursores nas lendas sumérias como a do dilúvio e a história da Arca de Noé. O último grande rei assírio, Assurbanipal (c. 669-629 a.C.), organizou a biblioteca de Nínive, onde foram guardados as tabuletas de argila que continham os textos, em escrita cuneiforme, da literatura mesopotâmica. No século XIX, cerca de 30.000 tabuletas foram descobertas pelo arqueólogo inglês Austen Henry Layard (1817-1894). Dessas, aproximadamente 800 tinham conteúdo médico. Foram encontradas placas de argila usadas pelos sacerdotes que escreviam verdadeiros tratados médicos; dentre elas, por exemplo, há 25 que se ocupam de obstetria. Com esses achados foi contestada uma informação do historiador grego Heródoto de Halicarnasso (c. 485-421/415 a.C.) de que não havia médicos na Babilônia. As tabuletas relacionadas com a medicina mostram, claramente, conceitos de anatomia e a descrição de doenças e receitas. Portanto, havia médicos na antiga Mesopotâmia.

Embora as diversas culturas da Mesopotâmia tivessem suas diferenças, basicamente concordavam sobre cosmologia. Da mesma forma que entre seus antepassados primitivos, a doença era uma maldição, um castigo divino. No entanto, provavelmente, havia alguma noção de causas não sobrenaturais para as enfermidades já que há relatos que médicos foram admoestados, por razões éticas, para evitar a continuação do tratamento em casos perdidos. Havia numerosos deuses, alguns deles padroeiros do local ou cidade-estado. Vários deuses que eram especializados e são citados alguns exemplos. O deus da morte e da destruição chamava-se Nergal. Nergal, uma divindade sumério-babilônica, era apresentado sob a forma de mosca. Como algumas doenças eram atribuídas a pequenos animais divinizados, talvez já houvesse naquele tempo a intuição de que as moscas difundiam doenças (infecciosas). Lamashtu, Labartu ou Abartu (nomes acadianos), também chamada Dimme (na mitologia suméria), era um demônio feminino particularmente maligno, que matava o feto no ventre materno e se

alimentava de crianças lactentes. É bem possível que dela derive o termo aborto (figura 1). Inanna (na Suméria) ou Ishtar (na Assíria e na Babilônia) era a deusa do amor, do erotismo, da fecundidade e da fertilidade, associada ao planeta Vênus. Era cultuada em todas as cidades sumérias e especialmente em Ur. Diz uma invocação: “Onde pousas vossos olhos, os mortos revivem e os doentes se curam.”



Figura 1 – Placa de conjuração contra o demônio Lamashtu. Para ser pendurada à beira do leito, essa placa tem função protetora contra o terrível demônio Lamashtu, mostrada na frente do objeto, responsável por muitas doenças. Seu marido, o demônio Pazuzu, é representado na parte superior da placa, como se a estivesse segurando. Pazuzu é chamado para induzir a esposa a ir embora e assim evitar a doença ou promover a cura. Lamashtu cavalga um burro dentro de um barco e se apresenta com aspecto assustador: corpo peludo, cabeça de leão e garras; segura cobras e amamenta duas crias de leão. O barco navega num rio cheio de peixes, configurando o mundo subterrâneo dos demônios. Período neo-assírio (911-609 a.C.). *Musée du Louvre*, Paris, França (fotografia dos autores).

Deve ser destacado um deus de cura, Ningishzida (Ningishida, Ningizzida ou Gizzida), conhecido como “Senhor da Árvore da Vida”. Não se conhece o sexo dessa divindade que era representada com barba e duas serpentes saindo de seus ombros, como uma serpente com cabeça humana, como uma serpente de duas cabeças ou como duas serpentes entrelaçadas (figura 2).



Figura 2 – À esquerda, a divindade suméria Ningizzida acompanhada por dois grifos. É a mais antiga imagem conhecida de duas serpentes enroladas em torno de um bastão, com data anterior a 2000 a.C. No centro e à direita, vaso de culto de Gudea (príncipe sumério que reinou em Lagash no século XXII a.C) em honra a Ningizzida, seu deus pessoal. *Musée du Louvre*, Paris, França (fotografias dos autores).

A medicina da civilização suméria é a mais antiga que conhecemos. Baseava-se na astrologia, pois os sumérios acreditavam que o destino do homem era determinado pelos astros desde o nascimento. Assim, tentavam estabelecer relações entre os movimentos dos astros e as estações e entre

Alves E, Tubino P. *Medicina na Mesopotâmia*, 2013.

as mudanças de estação e as doenças. Havia a crença de que doença era uma maldição dos deuses descontentes com o comportamento dos humanos; os pecadores eram castigados pelos próprios deuses ou pelo envio de demônios que os tornavam doentes. A relação das possíveis ofensas aos deuses era muito extensa e, conseqüentemente, era alta a probabilidade do indivíduo incorrer em falta e ser castigado com a doença; para se proteger, os mesopotâmicos usavam amuletos e encantamentos exorcistas. Mas também havia o risco do feitiço ou maldição de outro indivíduo ou de fantasmas de familiares descontentes. Assim, as pessoas ficavam doentes porque cometiam pecados, mas também podiam ser vítimas de agentes externos (como frio ou calor excessivos, poeira ou mau cheiro, excessos alimentares, ingestão de alimentos deteriorados ou fermentos de lutas). Portanto, as causas das doenças podiam ser divinas ou naturais. Para saber qual era o seu caso o doente deveria consultar um adivinho e, a partir do resultado, procurar um sacerdote-exorcista se a enfermidade fosse de origem sobrenatural ou um sacerdote-médico se a doença fosse de causa natural.

Havia três tipos de agentes de cura, ligados ao clero: adivinhos (*bârû*), feiticeiros ou exorcistas (*âshipu*) e médicos (*asû*). Suas funções, eventualmente, se sobrepunham e eram até certo ponto intercambiáveis. O *bârû* ou adivinho interpretava os presságios, fazia diagnósticos e prognosticava. Identificava a causa da doença por meio de seus métodos de adivinhação e decidia qual profissional procurar, *âshipu* ou *asû*. O *âshipu* ou exorcista era especialista em encantamentos usados para expulsar os demônios e para a reconciliação com os deuses. Utilizava orações, sacrifícios e exorcismo. Era o mais influente. O *asû*, o médico, tratava o enfermo com encantos e drogas, preparava medicamentos com flores, raízes e caules de diversas plantas e também utilizava facas cirúrgicas para executar pequenas operações. Os curadores eram muito respeitados na sociedade e pertenciam às classes mais educadas. O treinamento ocorria em escolas especiais ligadas aos templos maiores e era de caráter confidencial, não devendo ser partilhado com estranhos. Aparentemente usavam roupas especiais e cabeça raspada, possivelmente, com um topete.

Não havia conhecimento significativo de anatomia ou fisiologia e, ao que se saiba, não era feita dissecação humana ou animal por razões científicas. Aparentemente, havia algum entendimento das partes do corpo – mas não necessariamente de suas verdadeiras funções – por analogia com os animais abatidos, em particular ovelhas. Provavelmente, os médicos adquiriam algum conhecimento dos órgãos internos quando tratavam pacientes feridos por animais ou em lutas. Os mesopotâmicos acreditavam que o sangue era a fonte de todas as funções vitais e, pela grande quantidade de sangue que se originava do fígado durante o sacrifício dos animais, achavam que este órgão era a origem e o centro de distribuição do sangue. E, conseqüentemente, era a sede dos principais fenômenos da vida e da alma. Por essa razão, o exame do fígado nos animais permitiria estabelecer os presságios e, portanto, quando estavam doentes (e também antes de partirem para guerra ou grandes missões) consultavam os augúrios por meio da hepatoscopia. Consideravam ainda que o coração era a sede da inteligência e a orelha, a sede da vontade. O estômago era o centro da coragem (talvez daí resulte a expressão “ter estômago” significando suportar qualquer situação desagradável), o útero era o centro da bondade e os rins a origem da força física. Acreditavam que o sangue se renovava pela absorção dos alimentos, embora não haja provas de que a circulação do sangue fosse conhecida.

A divinação (adivinhação) era usada para se descobrir a causa das doenças, baseada nos seguintes métodos: o aruspício ou extispício, ou seja, a observação das vísceras de um animal, especialmente a hepatoscopia; a observação dos astros e do voo das aves; a interpretação dos sonhos e a presença de anormalidades em recém-nascidos. Também são citadas a observação do comportamento do óleo na água e da fumaça do incenso; a evocação dos espíritos dos mortos para a predição do futuro (necromancia) era considerada perigosa e raramente usada. Quanto ao aruspício, acreditava-se que a divindade à qual um animal era sacrificado identificava-se com a vítima e unia sua alma com a do animal. O adivinho olhava para a alma do animal e já que ambas as almas estavam em uníssono, tinha uma percepção da mente divina. Para se fazer a hepatoscopia, o doente respirava nas narinas de uma ovelha que era sacrificada e o *bârû* comparava o fígado do animal com um modelo de argila.

De acordo com *Manual de Diagnósticos e Prognóstico*, escrito pelo médico Esagil-kin-apli durante o reinado do rei babilônico Adad-apla-iddina (c. 1069-1046 a.C.), era costume o curador visitar o paciente em casa para formar uma opinião sobre a conduta adequada. O curador observava os presságios no seu caminho e no quarto do doente, mas também prestava atenção nas condições e nos sinais apresentados pelo paciente, em ordem sistemática da cabeça aos pés. Embora o médico não fizesse exame físico em seu paciente, ouvia suas queixas. A enfermidade se denominava *shêrtu* (pecado, impureza moral, ira divina e castigo) e havia cerca de seis mil demônios que poderiam causar doenças. Eram feitas perguntas com o objetivo de determinar a origem do mal, como por exemplo: *Jogaste o pai contra o filho? Ou o filho contra o pai? Mentiste? Enganaste no peso da balança?*

Entre os assírios e babilônios, a medicina era prerrogativa dos sacerdotes que prestavam contas aos deuses. Já os cirurgiões (*gallubu*) eram homens do povo, responsáveis perante o Estado pela condição de suas operações; eles cobravam honorários e estavam submetidos, sob fortes sanções, a uma responsabilidade social regulada pelas leis: treze artigos do Código de Hamurabi (ou Hamurapi) são referentes à prática da medicina. Por exemplo, o artigo 215: “Se o médico faz uma operação grande ou cura um olho doente, ele receberá dez moedas de prata. Se o paciente é um escravo liberto, ele pagará cinco moedas. Se é um escravo, então seu proprietário pagará duas moedas em seu benefício. Mas se o paciente perder sua vida ou um olho na operação, então as mãos do médico serão cortadas. Em se tratando de um escravo, o cirurgião fornecerá outro escravo ao dono.” O grande rei babilônico Hamurabi (c. 1810-1750 a.C.) foi o primeiro a definir o conceito de responsabilidade civil e criminal.

Os médicos baseavam suas teorias em simbolismos mágicos, entretanto eram bons observadores e muitas de suas condutas empíricas tinham certa lógica. Por exemplo, para alguns problemas oculares receitavam um preparado de cerveja e cebola: a cebola provoca lágrimas e o fluido lacrimal contém lisozima, uma substância com ação bactericida; possivelmente eram obtidos alguns bons resultados. Mas, em seguida, os olhos eram massageados com óleo de oliva e acrescentavam um toque de magia para expulsar o espírito maligno: uma mistura de bile de rã e leite azedo era aplicada nos olhos. As moléstias respiratórias eram tratadas com a fumigação que era feita espalhando-se pó de alcatrão em uma fogueira feita com espinheiros, esterco de animais, enxofre, betume e ossos humanos. Os doentes tinham que respirar a fumaça obtida. Eram receitadas grandes quantidades de remédios, para os mais variados males, feitos de frutas, flores, folhas, raízes e cascas de árvores como oliveiras, loureiros e lótus. Também eram usados órgãos de animais e vários minerais como ferro e cobre. Além disso, usavam excremento animal para enojar e espantar os demônios, prática que perdurou por milênios. Os medicamentos eram administrados sob a forma de loções, unguentos, cataplasmas, comprimidos, pílulas, pós, enemas e supositórios. Há relatos de que eram usadas mais de 250 plantas medicinais, 120 substâncias animais e cerca de 180 outras drogas em combinação com bebidas alcoólicas, caldos, gordura, mel, leite, óleos.

Há dúvidas sobre os procedimentos cirúrgicos realizados na antiga Mesopotâmia porque nada específico foi encontrado nos textos cuneiformes recuperados. As referências mais concretas sobre operações são as que estão no código de leis de Hamurabi. Assim sabe-se que eram feitas operações nos olhos e, provavelmente, os casos de catarata eram tratados pelo deslocamento do cristalino (lente). Aparentemente, as intervenções cirúrgicas eram raras; o tratamento de lesões traumáticas era bastante conservador. Em geral as fraturas não eram reduzidas, sendo imobilizadas e tratadas com bandagens e curativos com óleo. Entretanto, é de se supor que os cirurgiões militares que acompanhavam os exércitos assírios e babilônicos nas batalhas tivessem alguma especialização. Provavelmente usavam o bisturi para lancetar abscessos (embora a maioria fosse tratada conservadoramente) e para sangria. Esta última é pouco citada nos textos médicos, de modo que não se sabe se era uma prática generalizada. Ao que tudo indica, nenhum procedimento cirúrgico estava previsto em casos de partos difíceis ou para condições ginecológicas. Não há comprovação de que se fizesse trepanação e nem circuncisão, mas sabe-se que a castração era feita pelos assírios, sob supervisão médica e com alta mortalidade, em prisioneiros jovens do sexo masculino e também como punição prevista nas leis assírias.

Não há menção ao uso de anestesia, embora haja autores que citam a compressão das artérias carótidas pelos cirurgiões assírios e egípcios para causar a perda dos sentidos (provocada por isquemia cerebral transitória), durante a qual era feita a operação. A prática da circuncisão é questionada nos povos da antiga Mesopotâmia, mas era comum no antigo Egito. É provável que fosse dado vinho ao paciente antes de um procedimento cirúrgico, assim como drogas analgésicas e narcóticas. A mandrágora, por exemplo, era usada frequentemente na Mesopotâmia, assim como o extrato obtido das semente de papoula (ópio).

No que se refere à saúde pública, não são bem conhecidas as medidas adotadas na Mesopotâmia para o tratamento dos dejetos humanos. Mas, em algumas cidades, foram encontrados sistemas de esgotos compostos por tubos de terracota, aparentemente com esta finalidade, e foram documentados sistemas de drenagem nos sítios arqueológicos, presumivelmente para coletar água da chuva. Escavações feitas na Babilônia mostraram a existência de grandes canais de pedra, possivelmente parte de um sistema de esgotos, inclusive contendo latrinas. Mas não se sabe se suas finalidades eram sanitárias ou estéticas.

REFERÊNCIAS. LEITURA SELECIONADA SUGERIDA

- Adamson PB. Surgery in ancient Mesopotamia. *Med Hist.* 1991;35:428-435.
- Biggs RD. Medicine, surgery, and public health in ancient Mesopotamia. In: Sasson JM, editor. *Civilizations of the Ancient Near East*. v.3. New York: Charles Scribner's Sons; 1995. p.1911-1924.
- Black J, Green A. *Gods, demons and symbols of ancient Mesopotamia: An Illustrated dictionary*. Austin: University of Texas Press; 1992.
- Borchardt JK. The beginnings of drug therapy: ancient Mesopotamian medicine. *Drug News Perspect.* 2002; 15:187-192.
- Bottéro J. *Everyday life in ancient Mesopotamia*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press; 2001.
- Dumas A. The History of Anaesthesia. *J Natl Med Assoc.* 1932; 24: 6-9.
- Geller M.J. West meets east: early Greek and Babylonian diagnosis. *Stud Anc Med.* 2004;27:11-61.
- Jastrow M. The medicine of the Babylonians and Assyrians. *Proc R Soc Med.* 1914; 7(Sect Hist Med): 109-176.
- Lyons AS.; Petrucelli RJ. *Medicine: an illustrated history*. New York: Harry N. Abrams; 1987.
- Magner LN. *A history of medicine*. 2 ed. Boca Raton: Taylor & Francis; 2005.
- Piñero JML. *La medicina en la historia*. Madrid: La Esfera de los Libros; 2002.
- Retief FP, Cilliers L. Mesopotamian medicine. *SAMJ* 2007;97:27-30.
- Scurlock J. Ancient Mesopotamian medicine. In: Snell DC, editor. *A companion to the Ancient Near East*. Malden: Blackwell Publishing; 2005. p.302-15.
- Silva JM. A medicina na Mesopotâmia antiga (1ª Parte). *Acta Med Port.* 2009;22:841-854.
- Silva JM. A medicina na Mesopotâmia antiga (2ª Parte). *Acta Med Port.* 2010;23:125-140.
- Stol M. Diagnosis and therapy in Babylonian medicine. *Jaarb Ex Orient Lux.* 1991-1992;32:42-65.
- Thorwald J. *Science and Secrets of Early Medicine: Egypt, Mesopotamia, India, China, Mexico, Peru*. New York: Harcourt, Brace & World; 1963.